

Economia mostra sinais de desaceleração

Produção, vendas industriais, massa salarial e faturamento do comércio recuam

DENIZE BACOCINA
e MÁRCIA DE CHIARA

A economia brasileira dá sinais de que a fase de crescimento acelerado pode ter chegado ao fim. A perda de fôlego aparece nos últimos indicadores de emprego, vendas e atividade industrial. Análise da MCM Consultores indica que a taxa de crescimento do consumo está caminhando para a estagnação. Dados dessazonalizados mostram que a produção industrial recuou 1,8% no primeiro trimestre deste ano em relação ao segundo semestre de 96. No mesmo período, as vendas industriais baixaram 0,7%, a massa salarial dos trabalhadores empregados na indústria recuou 2,1% e o faturamento do comércio, já computando os dados de abril, caiu 0,6%.

A fatia das importações no total das matérias-primas usadas pela indústria de bens de consumo recuou de 20,3% para 14%, de março para abril. O que estaria fazendo a atividade econômica perder o fôlego antes mesmo de as medidas restritivas ao consumo entrarem em vigor seria o próprio esgotamento da capacidade do consumidor de se endividar, analisa a economista Ana Cristina Gonçalves da Costa, da MCM.

Segundo ela, os consumidores já teriam comprometido sua renda e, nesse mesmo período, não houve realimentação do poder de compra por meio de ganhos salariais. "O governo não desatou as amarras do compulsório para manter a taxa de aceleração da economia."

Se esse quadro for mantido, a economista acredita que a atividade estaria caminhando para a estagnação das taxas de crescimento. Para este

ano, a MCM projeta um crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de 3,5%, apenas ligeiramente superior aos 2,91% registrados no ano passado.

O diretor do Departamento de Economia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Bóris Tabacof, acha que o ritmo de crescimento da economia se estabilizou desde o início do ano, depois da recuperação do crediário no ano passado. Ele informa que o Indicador do Nível de Atividade (INA), calculado pela Fiesp, mostrou queda de 1,1% em março em relação a fevereiro. "Há uma tendência de estabilidade, com oscilações mensais para mais ou menos, dependendo do setor", diz Tabacof.

A capacidade de compra também está estável, porque depende da massa salarial, que não aumentou nos últimos meses. Mas Tabacof

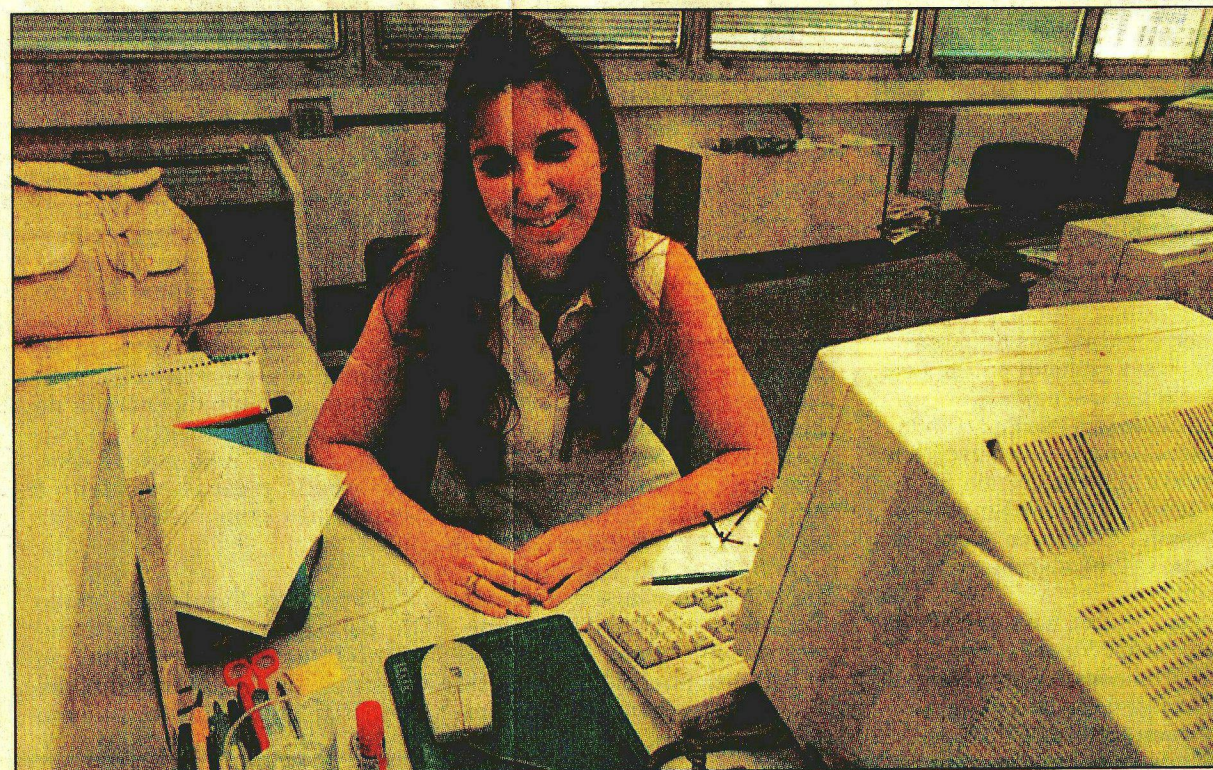
acha que ainda existe espaço para crescer, principalmente nos setores que se beneficiam do crediário. "A base da pirâmide ainda pode aumentar", afirma.

Na análise da Trend Consultores Econômicos, a atividade estaria cres-

cendo a uma taxa menor neste trimestre já por conta do aumento da inadimplência, do desemprego e dos produtos importados que passaram a ocupar o lugar da produção doméstica.

Números da Trend mostram que, de janeiro a março, o PIB cresceu 6,07% em relação a igual período do ano passado. Para o segundo trimestre, a consultoria calcula um índice de crescimento do PIB de 5,14%. No terceiro trimestre, a taxa de crescimento deve ficar em 2,26% e fechar o último trimestre em 1,40% sobre igual período de 96. Nessas projeções, o economista Roberto Padovani, da Trend, considera o efeito estatístico de uma base de comparação maior a partir de maio de 96.

■ Mais informações na página 12



Economista Ana Cristina da Costa, da MCM: crescimento do consumo aponta para a estagnação

